**PATISCHE E PARÓDIA NA CULTURA DA PÓS-MODERNIDADE**

Francisca Jucélia da Silva

Discente de Curso de Especialização na Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI)

E-mail: [juceliasilva2006@yahoo.com.br](mailto:juceliasilva2006@yahoo.com.br)

Francisca Joilsa da Silva

Discente de Curso de Especialização na Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI)

E-mail: [joilsasilva@hotmail.com](mailto:joilsasilva@hotmail.com)

Maria Ameliane Figueredo de Oliveira

Especialista pela Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado do Rio Grande do Norte (IFRN)

E-mail: [amelianediva@hotmail.com](mailto:amelianediva@hotmail.com)

**RESUMO**

Neste trabalho objetivamos fazer uma breve discussão sobre o conceito de pós-modernidade com sua (des)construção e a condição sociocultural e estética do capitalismo pós-industrial, relacionando-se com o rompimento das antigas verdades absolutas, como o marxismo e o liberalismo, questões típicas da modernidade, refletidas diretamente na vida de cada indivíduo. Com isso, discutimos o entendimento sobre pós-modernidade ou pós-modernismo e sua complexa condição cultural. No entanto, nosso foco principal será a discussão sobre pastiche e paródia, que são confundidos como se não houvesse diferença entre ambos. Para realizar esse trabalho, procuramos mostrar algumas discussões de teóricos como Hutcheon (1991), Compagnor (2003), Jameson (2006) e Hall (2011). Já com o pastiche, primeiramente, faremos a diferenciação entre o mesmo e a paródia. Portanto, a partir da diferenciação entre pastiche e paródia, focalizaremos o pastiche como um recurso utilizado nas obras literárias e em outras mídias da sociedade pós-moderna. Então, concluímos que o nosso trabalho com a discussão sobre os estilos pastiche e a paródia, com suas semelhanças e diferenças, envolvem tanto as obras literárias escritas quanto a cinematográfica e outras mídias.

**Palavras-chave:** Pós-modernismo. Pós-modernidade. Pastiche. Paródia. Sociocultural.

**1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

O conceito de pós-modernidade não é fácil de definir. Apesar de sua complexidade, nos últimos anos tornou-se um objeto que se insere na perspectiva do múltiplo, com várias abordagens, perspectivas e nomenclaturas. Discute, também, questões relativas à arte, à literatura ou à teoria social, tratando como fenômeno de protesto, assimilando mais com desconstrução do que com a construção em vista de algo novo. Pode-se afirmar que a pós-modernidade é a condição sociocultural e estética do capitalismo pós-industrial, relacionando-se com o rompimento das antigas verdades absolutas, como o marxismo e o liberalismo, questões típicas da modernidade.

Segundo Lyotard (1988), o pós-moderno enquanto condição da cultura, vem sendo marcado por uma incredulidade diante do metadiscurso filosófico metafisico, com pretensões atemporais e universalizantes, composto por um cenário de essencialidade cibernética, informatizada e informacional. A partir disso, esse saber é legitimado pela ciência, pelo virtual e pelo artificial. Com isso, se sobressai o discurso mais sedutor, daquele mais forte para impor o seu discurso. Sobre isso Lyotard (1988, p. 5) afirma que:

Esta relação estabelece entre fornecedores e usuários do conhecimento e o próprio conhecimento tende e tenderá a assumir a forma que os produtores e os consumidores de mercadorias têm com estas últimas, ou seja, a forma de valor. **O saber é e será produzido para ser vendido**, e ele é e será consumido para ser valorizado numa nova produção: nos dois casos trocado. Ele deixa de ser para si mesmo seu próprio fim; perde o seu “valor de uso.”

Portanto, percebe-se a decadência da ideia de verdade de uma sociedade conceituada como pós-moderna, pois demonstram que o conjunto de transformações ocorridas perante as regras do jogo de produção cultural que marcam as sociedades pós-industriais são características deste conceito. Como também, avaliar as condições desse saber produzido pelas sociedades, digamos, mais avançadas, dentre o saber científico e das universidades.

Podem-se resumir as características da pós-modernidade como sendo uma propensão das pessoas se deixarem ser dominadas pelas ideias propostas pela mídia eletrônica; a dominação do mercado (econômico, político, cultural e social) dentro do seu universo; o consumismo desenfreado como uma realização pessoal; a pluralidade cultural e falências, dentre elas a perca da “liberdade”. No entanto, com a chegada da pós-modernidade, como o surgimento de uma sociedade pós-industrial, o conhecimento torna-se a principal força econômica da produção e como uma mudança geral na condição humana.

Assim, o termo “Pós-modernidade” é um fenômeno que pode expressar uma cultura de globalização e uma ideologia neoliberal, no qual a globalização econômica se impõe de forma absoluta a favor da lógica do mercado de consumo. Para Jameson (2006), a pós-modernidade não concebe somente uma mudança de época, mas como uma determinante cultural, uma lógica cultural de uma etapa do capitalismo, o chamado capitalismo tardio, que foi iniciado após a segunda Guerra Mundial. Desse modo, entende-se que o próprio capitalismo é a transformação que possibilita o surgimento de uma nova dinâmica cultural.

Porém, Jameson (2006) lembra-nos que essa nova cultura pós-moderna global é uma expressão interna e superestrutural de uma nova era de dominação, tanto militar quanto econômica dos Estados Unidos sobre o resto do mundo. Sendo nesse sentido, durante toda a história de classes, o avesso da cultura é sangue, tortura, morte e terror. Jameson (2006, p. 31) afirma que:

Na medida, então, em que o teórico ganha ao construir uma máquina cada vez mais fechada e aterradora, na mesma medida perde, uma vez que a capacidade crítica de seu trabalho fica assim neutralizada, e os impulsos de revolta e de negação, para não falar dos de transformação social, são percebidos, cada vez mais, como gestos inúteis e triviais no enfrentamento do modelo proposto.

Percebe-se que o trecho acima nos apresenta o sistema que envolve a dinâmica detectável no movimento da sociedade contemporânea, na qual as pessoas se sentem desamparadas, mesmo construindo coisas novas, consumindo objetos em foco. Mesmo assim, as pessoas sentem-se perdidas e de certa forma prisioneiras desse modelo proposto pelo pós-modernismo. Segundo Jameson (2006), toda produção cultural de nossos dias não parece pós-moderna, isso no sentido amplo em que o mesmo usa esse termo. No entanto, ver o pós-moderno como um campo de forças, no qual vários tipos bem diferentes de impulso cultural têm que encontrar seu caminho.

**2 PÓS-MODERNIDADE OU PÓS-MODERNISMO**

Observa-se que os termos pós-modernidade e pós-modernismo aparecem frequentemente nas discussões sobre a sociedade contemporânea. Então, o que seria o real sentido de pós-modernidade e pós-modernismo? Como já mencionado anteriormente, esses termos estão sobrecarregados de complexidade, de difícil definição. Porém, pode-se afirmar que pós-modernidade ou pós-modernismo é a condição estética e sociocultural, prevalecendo sobre os conceitos que foram predominantes na era moderna, tendo início de uma nova era.

A pós-modernidade pode ter como significado uma resposta pessoal para uma sociedade pós-moderna e pode ser distinguida do pós-modernismo, em muitos conceitos, os quais a consciência de adoção de filosofias pós-modernas ou de seus traços na arte, literatura e sociedade. Segundo Lyotard (1988), a pós-modernidade refere-se ao estado ou condição para a existência da sociedade depois da modernidade, ou seja, uma condição histórica marcante para o fim da modernidade.

Para Jameson (2006) os últimos anos vêm sendo marcados por um milenarismo invertido, no qual os prognósticos, catastróficos ou redencionistas que dizem respeito ao futuro, foram substituídos por decretos sobre o fim disto ou daquilo, ou seja, o fim da ideologia, da arte ou das classes sociais; o rompimento político econômico da socialdemocracia ou do Estado do bem estar, a chamada crise do leninismo.

Segundo Compagnon (2003), a formação dos termos *pós-modernismo* e *pós-modernidade* sugerem uma dificuldade lógica imediata. Assim, levanta alguns questionamentos sobre o prefixo *pós*, pois se o modernismo é tido como atual e o presente, esse *pós* seria a inovação constante da modernidade? Negando assim, o tempo presente. No entanto, Compagnon (2003, p. 103) afirma que:

[…] o pós-moderno é antes de tudo uma palavra de ordem polêmica, posicionando-se enganosamente contra a ideologia da modernidade ou contra a modernidade como ideologia, isto é, negando menos a modernidade de Baudelaire, na sua ambiguidade e no seu dilaceramento, do que das vanguardas históricas do século XX. Donde se conclui que, se a modernidade é complexa e paradoxal, a pós-modernidade o é igual.

Companon (2003) mostrar-nos que apesar de querermos negar a condição social moderna, acabamos nos deparando com ela mesma, pois a pós-modernidade não é sinônimo de algo diferente, tudo remete a mesma situação. Vivemos num contexto no qual, frequentemente, passamos por conflitos, sejam eles sociais, indenitários, ideológicos; sempre estamos em busca de algo mais, para preencher o vazio que sentimos diariamente.

Para Hall (2011) as sociedades modernas, de certa forma, são sociedades de mudança constante, rápida e permanente, sendo, assim, a principal distinção entre as sociedades chamadas tradicionais e modernas. Portanto, a modernidade não pode ser definida apenas como a experiência de convivência com a mudança rápida, abrangente e contínua, mas, sim, como uma forma altamente reflexiva de vida, incluindo práticas sociais que são constantemente examinadas e reformadas de acordo com as informações recebidas das próprias práticas, alterando o seu caráter.

Jameson (2006) abordar o surgimento de novos aspectos formais na cultura, o surgimento de um novo tipo de vida social e de uma nova ordem econômica, que é chamada de modernização, sociedade de consumo pós-industrial, de sociedade da mídia e do espetáculo ou de capitalismo multinacional. A partir de então, surgiu um período o qual a nova ordem internacional (o neocolonialismo, a Revolução Verde, a disseminação dos computadores e das informações eletrônicas) é instaurada e abalada. Alguns modos pelos quais os novos pós-modernismos expressam a verdade interna surgida recentemente na ordem social do capitalismo tardio, embora tenha que limitar a descrição de apenas dois de seus aspectos mais significativos, chamados de pastiche ou esquizofrenia. Esses aspectos proporcionam uma chance de perceber a especificidade da experiência pós-modernista do espaço e do tempo.

Por fim, não existe uma definição concreta ou diferenciação entre a pós-modernidade e o pós-modernismo, pois não há diferença entre ambos, um completa o outro. Como vimos, é a condição estética e cultural de um povo, ou melhor, das sociedades que querendo ou não adere ao contexto atual, o chamado *capitalismo pós-industrial*. Um contexto social movido pelo consumo, conflitos de identidade, como também a presença constante da repetição de algo que já foi dito anteriormente. É possível observar esse aspecto que, dependendo do contexto empregado, pode ser definido como paródia ou pastiche, principalmente nos cinemas.

**3 PASTICHE E PARÓDIA: ASPECTOS DA PÓS-MODERNIDADE**

O pastiche e a paródia são aspectos ou práticas do pós-modernismo, no entanto, podem ser confundidos, pois parecem ter o mesmo propósito. Com isso, os dois remetem-nos a produções anteriores, sendo a imitação, a mimica de outros estilos. Porém, enquanto o pastiche é uma prática neutra, desprovida de qualquer motivo oculto, a paródia ridiculariza o original.

Para Jameson (2006) o termo pastiche, originário da linguagem das artes visuais, é confundido ou assimilado por muitos como sendo um fenômeno verbal que é relacionado com a paródia. Destacando que tanto o pastiche quanto a paródia estão envolvidos pela imitação, a mímica de outros estilos, particularmente, dos maneirismos e cacoetes estilísticos. Então, a paródia encontra um campo riquíssimo na literatura.

É possível observar em Hutcheon (1991) que o termo paródia tem referência com a história da arquitetura, a qual restabelece, em termos textuais, um diálogo com o passado, com o contexto social e ideológico, produzida e vivida pela arquitetura. Assim, Hutcheon (1991, p. 43) afirma que “o *pós-modernismo* indica sua contraditória dependência em relação ao modernismo, que o precedeu historicamente e, literalmente, o possibilitou”. Percebe-se que foi a partir do modernismo que surgiu a pós-modernismo, não se pode negar essa relação entre ambos, é apenas mais uma forma de justificativa do que já existe. Portanto, podemos ver na arquitetura, na qual seus autores procuram mostrar algo pós-moderno e na verdade só está parodiando o já existente.

Então, Hutcheon (1991) relata que a paródia é exatamente o formalismo aparentemente introvertido, provocando de forma paradoxal uma confrontação direta com o problema da relação entre o estético e o mundo de significação exterior, com um mundo discursivo de sistemas semânticos socialmente definidos (o passado e o presente), com o público e o histórico. Sendo assim, a autora afirma que:

[...] o que o pós-modernismo faz é contestar a própria possibilidade de um dia conseguirmos *conhecer* os “objetos fundamentais” do passado. Ele ensina e aplica na prática o reconhecimento do fato de que a “realidade” social, histórica e existencial do passado é uma realidade *discursiva* quando é utilizada como o referente da arte, e, assim sendo, a única “historicidade autêntica” passa a ser aquela que reconheceria abertamente sua própria identidade discursiva e contingente. O passado como referente não é enquadrado nem apagado, como Jameson gostaria de acreditar: ele é incorporado e modificado, recebendo uma vida e um sentido novo e diferente. Essa é a lição ensinada pela arte pós-modernista de hoje (HUTCHEON, 1991, p. 45).

Na discussão acima, pode-se afirmar que Hutcheon mostra que o passado não desaparece, ele sempre está sendo retomado, não da mesma forma que foi abordado em sua época, mas com aspectos históricos e sociais do contexto atual, do contemporâneo. Dessa forma, vemos a paródia com um passado modificado de acordo com abordagem ou visão de seu autor, transformando-se em uma realidade discursiva com objetos e conhecimento do passado.

Diferentemente da visão de Hutcheon (1991), Jameson (2006) ver a paródia como proveito da singularidade dos estilos que se apoderam das suas idiossincrasias e excentricidades, para que assim possa produzir uma imitação que ridiculariza o original. A paródia é tida como um estilo para ridicularizar algo já produzido, e isso é comum vermos nos cinemas, obras que agrupam várias outras para ridicularizar, como por exemplo, o filme todo mundo em pânico, no qual percebemos recortes de várias outras obras cinematográficas sendo ridicularizadas, de certa forma, satirizando a cultura do cinema americano.

No entanto, Jameson (2006) relata que o impulso satírico não é consciente em todas as formas de paródia, pois um bom parodista deve ter alguma compaixão pelo original e, como tal, um grande mímico deve ter a capacidade de pôr-se no lugar da pessoa imitada. Portanto, geralmente o efeito da paródia é para revelar o ridículo na natureza particular do maneirismo estilísticos, seja pela compaixão ou pela malícia. Assim, por trás de toda paródia, permanece um sentimento de que há uma norma linguística em contraste, a qual os estilos dos grandes modernistas podem ser ridicularizados.

Em relação ao pastiche, Jameson (2006) menciona que, assim como a paródia, o pastiche é a imitação de um estilo peculiar e único, o uso de uma máscara estilística, o discurso de uma língua inativa. Sendo assim, é tido, também, como uma prática neutra de mímica, desprovida do motivo oculto da paródia, sem o impulso satírico, sem riso, sem aquele sentimento ainda latente na perspectiva de algo *normal*, comparando com o que é imitado e cômico. Sobre essa abordagem, Jameson (2006, 2006, p. 23) afirma que:

O pastiche é a paródia pálida, a paródia que perdeu o seu senso de humor; o pastiche está para a paródia assim como aquela coisa curiosa, a prática moderna de um tipo de ironia pálida, está para aquilo que Wayne Booth chamou de ironias estáveis e cômicas do século XVIII

Podemos observar nas colocações de Jameson, que o pastiche é na verdade uma paródia sem graça, uma sombra sem vida que não tem nenhum motivo ou objeto para satirizar algo. A partir dessas abordagens, podemos afirmar que a paródia remete às obras já construídas e, de certa forma, conhecida pelo o público espectador, pois se não for reconhecida, será chamada de pastiche. Como Linda Hutcheon fala que o pós-modernismo é uma retomada do passado, vemos a paródia como essa retomada. Já o pastiche pode ser considerado como uma paródia branca, sem intenção de criticar, ridicularizar o original. Na verdade o pastiche pode ser percebido por pessoas que não tem conhecimento do original, mesmo nunca tendo acesso ao conteúdo original.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste trabalho propusemos discutir sobre o conceito de pós-modernidade, o contexto social, histórico e econômico. No entanto, dentro dessa discussão sobre o pós-modernismo, tivemos como foco o pastiche e a paródia, discutindo a diferença entre os dois estilos, tanto na literatura quanto outras mídias.

Procuramos apresentar, em uma breve discussão, o conceito de pós-modernidade e como esse tema está sendo frequentemente discutido na sociedade contemporânea. Questões que envolvem a arte, literatura e a sociedade, com o rompimento das antigas verdades absolutas apresentadas no marxismo e o liberalismo, típicas da modernidade. Tratamos sobre a representação real dos termos pós-modernidade e pós-modernismo, sendo conceituados como uma condição estética e sociocultural que foram predominantes na era moderna.

Então, concluímos o nosso trabalho com a discussão sobre os estilos pastiche e a paródia, com suas semelhanças e diferenças, os quais envolvem tanto as obras literárias escritas quanto a cinematográfica e outras mídias. A paródia é utilizada para ridicularizar a obra original; mas, para atingir esse objetivo, é necessário que o público tenha conhecimento do tema abordado. O pastiche é o que podemos chamar de paródia branca, sem a intenção de satirizar a obra original. Portanto, o pastiche é visto como uma repetição do passado, uma imitação que não possui o caráter transgressor demostrado pela paródia, pois o pastiche imita sem preocupação em revelar as “verdades”, promovendo a paródia vazia, sem humor. Essa prática está ligada com a noção de temporalidade na cultura pós-moderna, como, também, a ideia de tempo mudou e não se distingue mais o que é próprio e o que é do outro.

**REFERÊNCIA**

COMPAGNON, Antoine. Exaustão: pós-modernismo e palinódia. In: **Os cinco paradoxos da modernidade**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

HUTCHEON, Linda. Moldando o pós-moderno: a paródia e a política. In: **Poética do pós-modernismo:** história, teoria, ficção. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

JAMESON, Fredric. Pós-modernismo e sociedade de consumo. In: **A virada cultural:** reflexões sobre o pós-modernismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

\_\_\_\_\_\_\_. A lógica cultural do capitalismo tardio. In: **Pós-Modernismo:** a lógica cultural do Capitalismo tardio. 2ª Ed. São Paulo: Ática, 2006.

LYOTARD, Jean-François. **O Pós-Moderno**. Tradução Ricardo Corrêa Barbosa. 3ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.